

# Campinas, Seu Bêrço e Juventude

Mario PIRES

Na coleção da Academia Campinense de Letras, vigésimo volume da mesma, o ilustre acadêmico e historiador Celso Maria de Mello Pupo, sob o título acima, presenteou Campinas e os cultores da história fidedigna, com uma obra que se insere entre as mais completas no gênero.

Ultimamente, vários têm sido os livros lançados sobre a história da terra de que somos — honra insigne — cidadão honorário pela sua egrégia Câmara Municipal.

Não tivemos ainda tempo de ler a todas, pelos nomes conceituados de seus autores, temos a certeza de que se trata de obras também de grande valor para o registro dos fastos de Campinas.

O trabalho de Mello Pupo é um grosso volume de mais de trezentas páginas, ilustrado, impecavelmente impresso na Revista dos Tribunais.

As obras históricas sérias são elaboradas à luz da pesquisa e por isso sua leitura se torna, quase sempre, cansativa. No entanto, Mello Pupo, ao contrário da maioria dos historiadores, embora fornecendo farta documentação, tem uma linguagem gostosa que ameniza a leitura de seu importante livro.

E é com prazer e interesse que vamos lendo página por página.

O autor dividiu cronologicamente sua obra dando ao desenvolvimento da história de Campinas, três fases ou ciclos assim distribuídos: até a página 53, a fase do milho; de 54 a 139, a fase do açúcar e de 140 a 222, a do café.

O livro é encerrado com uma valiosa "adenda", em que o historiador oferece "a primeira família do povoamento rural", idem da cidade e extensa relação dos povoadores do século dezoito.

Na fase chamada do milho, pródromo da vida da "Princesa D'Oeste", e que vai das primeiras concessões de sesmarias, no início do século XVIII até do mesmo, quando, depois de fundada a vila em 1774, inicia-se verdadeiramente a produção de açúcar, vão surgindo as primeiras roças do vegetal, bem como fubá, feijão, arroz, algodão, e cana para garapa e aguardente.

Nessa fase, a pobreza é franciscana e um autor afirma que a "pequena policultura piratingana também não se corporificou, foi uma policultura de subsistência, lavourinha miuda e destinada a fornecer alimentação diária àquele povo rude".

A verdadeira fase do açúcar, informa Mello Pupo, com base em farta documentação, obtida após cansativas e pacientes pesquisas, só se inicia entre 1790-95, sendo o maior plantador Antonio Ferraz de Campos.

Informação preciosa nos presta o historiador sobre varios pontos interessantes da história, como as sesmarias, os sesmeiros, os tropeiros e outros assuntos de interesse.

Quanto aos tropeiros, de que já escrevemos todo um capítulo, Mello Pupo dá uma imagem inédita para muitos, afirmando que "o tropeiro — no dizer de Teodoro Sampaio — era profissão rude na verdade, mas que não poucos descendentes das mais ilustres famílias da terra abraçavam e exerciam com tal ou qual orgulho e ostentação".

Em conversa com velhos moradores de Valinhos, anciãos de 70, 80 anos, eles nos disseram de sua lembrança de crianças, quando, à vista dos tropeiros, as mães corriam a recolher os filhos, pois dizia-se que roubavam os infantes. Impressão naturalmente causada pela indumentária suja e pela fisionomia sofrida, com aqueles rostos hirsutos do tropeiro.

Mas está para se dar o devido valor à grande obra economica e até colonizadora desses homens rudes.

Quanto aos sesmeiros, como pudemos verificar com Alexandre Simões Vieira, o sesmeiro de Valinhos, nada fizeram em suas terras que merecessem qualquer destaque nos fastos históricos. Aílas, lendo o Livro de registro de Sesmarias no Arquivo do Estado, pudemos verificar que, depois de apenas dois anos de receber a sesmaria dos Pinheiros, Simões Vieira naturalmente deixa-a e consegue outra em Capivari.

E Mello Pupo, através dos documentos nos dá esta revelação impressionante: "os beneficiados com sesmarias não vieram cultivá-las e povoa-las pessoalmente ou por

seus descendentes: entre os povoadores de Campinas não se incluem os que obtiveram as primeiras sesmarias e que talvez as tenham obtido de um falsificador, como diz Osmar Simões Magro".

Destacamos, também na obra do ilustre historiador, o reconhecido valor que dá a Frei Antonio de Pádua Teixeira, ao qual dedica todo um capítulo. Diz Mello Pupo: "O idealista que por idealismo fundou Campinas, foi Francisco Barreto Leme e o seu criador, que por idealismo criou Campinas, foi Frei Antonio de Pádua Teixeira.

Deve-se a ele a matriz definitiva".

Frei Antonio de Pádua, continua o autor, foi também o primeiro historiador de Campinas, deixando escrito o elogio de Barreto Leme com sua "Breve História".

Com valiosa contribuição iconográfica, "Campinas, Seu Bêrço e Juventude", do historiador e acadêmico Celso Maria de Mello Pupo, lançado em concorrida tarde de autógrafos em agosto do ano p. passado, é uma das mais completas obras sobre a fundação e o desenvolvimento de Campinas.

E é precisamente sobre a fundação de Campinas que a obra do emérito acadêmico adquire maior valor, pois, com documentação e subsídios irrefutáveis ele dá a data que parece não padecer dúvidas de sua exatidão: 14 de julho de 1774.

Tanto que, em reunião de historiadores e vereadores da Câmara Municipal de Campinas, há pouco realizada, ficou definitivamente consagrada essa data.

"História — diz Alfredo Ellis — é uma investigação reconstituidora do passado. História não dispensa uma interpretação crítica, uma investigação lógica e raciocinada sobre as causas desses fatos, desses capítulos e sobre as consequências projetadas deles.

Só depois disso o fato, o capítulo ou o fenomeno histórico estão reconstituídos.

Só com isso a obra do historiador está feita".

Na afirmação insuspeita, valiosa, respeitada e consagrada de Alfredo Ellis, a obra de Mello Pupo está, em verdade, feita.